

JOSUÉ MONTELLO

Da Academia Brasileira

A ORATÓRIA ATUAL
DO BRASIL

*Conferência proferida a 16 de
julho de 1959 na Academia
Brasileira de Letras.*

RIO DE JANEIRO — 1959

869.5
M776a

APRESENTAÇÃO

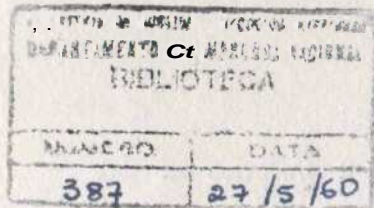
Este livro é a história viva da oratória do Brasil nos últimos decênios.

Foi uma conferência proferida pelo escritor e Acadêmico Josué Montello, no "Petit Trianon", em tarde-noite iluminada, perante uma assistência compacta e interessada do começo ao fim.

Com aquele segredo que é seu da frase a um só tempo nobre e espirituosa, o romancista de "A Luz da Estrela Morta", no exercício das suas qualidades de grande narrador, prendeu o auditório durante mais de uma hora, não fugindo ao assunto nem aos nomes ilustres, muitos deles ali presentes. . . Os aplausos espontâneos e calorosos deram ao conferencista um dos mais belos momentos de persuasão da palavra falada e escrita.

Estas páginas estão cheias de observações penetrantes e irônicas, uns instantâneos do Brasil, como aquela de que a Revolução de 30 não fez vítimas pessoais — fez auditórios. Mas também são repassadas de ternura e de elevada admiração pelos representantes mais diversos da oratória no Brasil contemporâneo.

Como a do Zaratustra nietszcheano, a virtude do orador é também uma virtude de bailarino. Ele salta de pés juntos em êxtases de ouro e esmeralda, o seu alfa, o seu ômega, é que tudo o que é pesado se torne leve, todo o espírito vire pássaro, todo o corpo vire bailarino. . .



A oratória está em mudança nesta era do rádio e da televisão. Acabam-se os comícios das praças públicas. Em compensação, podem **hoje** milhões de telespectadores ver e ouvir o orador ao mesmo tempo.

Dantes, a fama do tribuno, emergindo do meio das praças ululantes, se agigantava entre os povos por força de uma tradição oral imediatamente **constituída**. Os milhares de pessoas que não haviam assistido ao comício, recebiam as impressões desmesuradas daqueles que em estado de multidão tinham escutado a palavra **oracular**. Com o decorrer do tempo, os milhares transformavam-se em milhões de pessoas. E esses exageros produziam as lendas **consagradoras**.

Hoje não. O «close-up» do vídeo, se torna inócuo aquilo de Bossuet, lembrado por Montello, de que é o auditório que faz o pregador, dá-lhe em troca oportunidade, como diria o conferencista, de fazer o auditório. 'Em grande parte, a atenção do público não depende **sòmente** da palavra enunciada - - depende dos olhos do orador" - para tomar emprestado mais uma frase de Josué Montello, ao estudar outro aspecto da questão. São múltiplas, como se entrevê, as facetas da nova oratória projetada pelos progressos da técnica.

Não falta nesta conferência nenhuma das figuras que representam a eloquência brasileira nos últimos vinte ou trinta anos. O **fôro**, a política, as letras, o **púlpito**, todas essas tribunas se animam e preenchem com a descrição de quem sempre tem olhos para ver nelas um espetáculo de arte.

MANOEL CAETANO BANDEIRA DE MELLO
Diretor do Serviço de Documentação do D.A.S.P.

1 — ORATÓRIA, INSTRUMENTO DA CRISE

Quase todos os tratadistas da eloquência são mais ou menos acordes em que a oratória, depois de alcançar a sua fase de esplendor nos dias do passado, atravessa no presente — o presente do tratadista — o seu período de marasmo ou decadência.

Há quase dois mil anos, aludia Tácito a **êsse** declínio, no começo do "Diálogo dos Oradores". E aí **mesmo** encontrava uma explicação para o crepúsculo da eloquência ao defender a tese de que a oratória decaí quando as coisas públicas vão **bem**.

Dessa forma, se a sociedade mergulha numa fase de crise, logo a eloquência dá de si, com a sua impetuosidade, a sua ira, o seu **destemor** e o seu fulgor verbal, c é Cícero contra Catilina, e è Danton pregando a Revolução, e é Rui Barbosa ateando a coluna de fogo da Campanha Civilista.

De onde se conclui que há uma razão superior de consolação, nas linhas da tese defendida por Tácito, sempre que se nota a ausência dos grandes oradores no plano da vida **nacional**-

O momento **atual** da vida brasileira já foi definido como um período de crise -- crise social, crise econômica, crise política, crise de consciência, crise de cultura. É nesses instantes que **Mirabeau** costuma assomar a cabeça leonina na tribuna das **Assembléias**.

Se isso é **verdade**, interroguemos aqui, para dar começo a esta **lição**: onde estão os mestres da eloquência -- sobretudo da eloquência política -- desta hora inquieta da vida brasileira?

Vários deles se acham nesta sala, gloriosamente sentados nas suas poltronas acadêmicas. Outros, lá **fora**, talvez discurssem neste momento. De alguns dolorosamente sabemos que não responderão à nossa chamada, emudecidos para sempre sob a pedra de seus **sepulcros**.

A Academia sempre os prestigiou, ao longo de **tôda** a sua existência, e deles recebeu grande parte de sua **glória**. Aqui tivemos Rui, Nabuco e Patrocínio. Olavo **Bilac** e Coelho Neto foram dos nossos. Num passado mais próximo, aqui tivemos Fernando Magalhães, de quem disse Medeiros e Albuquerque -- outro mestre **da palavra** -- que tinha a eloquência do professor e a do **tribuno**.

Falemos agora dos que estão perto de **nós**.

Ao traçar a biografia de um de seus contemporâneos, reconheceu Taine o perigo a que se expunha, ante a circunstância -- que neste momento experimento -- de que o biografado ainda estava em condições de desmentir o **biógrafo**. No meu caso, o perigo se torna mais grave em face da alta responsabilidade de opinar de

público sobre oradores -- e oradores em plena forma -- que podem pedir a palavra, contrapondo-se aqui mesmo à vivacidade de minhas **opiniões**.

Na sua última lição na Universidade de Salamanca, **Unamuno** fez o louvor da oratória pura, que vive unicamente da palavra articulada, e teve ensejo de afirmar que «**Sócrates**, como Cristo, que era o Verbo, não nos deixou escrito nada, e assim não se enterrou em **letra**». Mas o certo é que o filósofo espanhol se esqueceu de acrescentar que esses dois oradores fizeram discípulos, e estes escreveram pelos mestres: no caso de Sócrates, Platão; no caso de Cristo, os **Evangelistas**.

À expressão oral é apenas uma **das** dimensões da oratória. À outra é a escrita, que lhe dá perdurabilidade e categoria literária. Nem sempre as duas expressões se **correspondem**. O orador, na tribuna, é um; pode ser outro no papel impresso. Daí a observação de **Lichtenberg**, no plano da eloquência religiosa. "Há **sermões** que não se ouvem sem chorar de emoção e não se lêem sem chorar de riso». A harmonia das duas dimensões é a perfeição do género. E é com esta perfeição que se mantém a tradição dos grandes oradores.

Essa compreensão de eloquência, que só admite como valor de ordem literária o texto da oração capaz de subsistir como expressão artística, afasta de nosso exame neste estudo a eloquência que é apenas uma forma transitória de exaltação coletiva e na qual o tribuno é a voz una e alta da **multidão**. Também se exclui deste panorama o tipo habitual dos verdugos do **dis-**

curso, para os quais a musa jovial de Belmiro Braga escreveu este epigrama:

Um certo orador maçante
das margens do Paraibuna,
ao falar, de instante a instante,
vai esmurrando a tribuna.
E quem o conhece, sente,
por mais ingénuo e simplório,
que os murros são simplesmente
para acordar o auditório.

II — ORADORES DA CRISE DE 1929

A crise de 1929, de que resultou o fim da Primeira República com a vitória da Revolução de 30, não fez vítimas pessoais — fez auditórios. Por isso mesmo não deu pretexto a batalhas — deu pretexto a discursos.

Pode-se ainda afirmar que, embora deflagrado por jovens tenentes, o movimento rebelde que determinou a queda do velho regime foi na verdade uma autêntica rebelião de oradores.

Eu começava a observar atentamente o mundo, nos horizontes de minha Província natal, quando a Revolução saiu à rua. E a recordação que dela me ficou, com o verniz das tintas frescas, não foi a sublevação da guarnição federal nem a figura compenetrada do Cabo de Polícia que assumiu a chefia do Governo do Estado — foram os discursos de praça pública nos comícios da Aliança Liberal.

Folheando os jornais da época, muitos anos depois dos acontecimentos, não consigo reprimir o esboço de um sorriso, quase de mim para mim, ao verificar que a Capital maranhense viveu por vários dias a ansiedade de ouvir num daqueles comícios o orador famoso a quem chamavam, com a ênfase do tempo, repetindo a expres-

são que antes se aplicara a Epiácio Pessoa — de patativa do Norte.

Dizia Hobbes que a democracia é uma aristocracia de tribunos. Sem os oradores, bons e maus, que deram ao movimento rebelde a unidade de um programa emocional, a Revolução democrática de 30 não teria mudado o elenco e a peça de nossa cena política — teria substituído, quando muito, alguns dos atôres mais destacados na representação da mesma peça. Foi o discurso que urdiu essa Revolução — de início nas Assembleias, depois nas ruas e praças — criando a consciência popular que exigiu por fim, com a veemência do clamor geral que os tribunos interpretavam, a mudança do Govêrno.

A prova de que a insurreição generalizada era mais um impulso de tribunos que um esquema de conspiradores pode ser evidenciada na sensação de perplexidade que viveu o País à hora do triunfo pacífico da Revolução, quando a escolha de uma diretriz política, no sentido da esquerda ou da direita, dependeu do equilíbrio de um orador que o movimento erigira em seu chefe civil - - Getúlio Vargas.

Entre os grandes oradores que abalaram emocionalmente o País e instauraram a Segunda República, houve um que se engrandeceu tanto na tribuna política que desta foi trazido, no roteiro natural dos valores literários de suas orações, para a tribuna da Academia: João Neves da Fontoura. O extraordinário orador político, eleito para suceder a Coelho Neto na Casa de Machado de Assis, veio sentar-se aqui na poltrona fundada pelo incomparável orador literário, e um traço comum desde logo os identificava, na harmonia da cul-

tura recolhida nas fontes clássicas: o gosto do verbo como criação artística e o domínio das multidões pelo magnetismo da palavra articulada.

Do livro de «Memórias» em que João Neves da Fontoura converteu o seu passado em presente contínuo na perenidade da obra literária, destaco esta frase, alusiva ao Rio Grande do Sul: «Na minha terra, sempre houve outrora duas coisas irresistíveis • - a eloquência e o cavalo". E é ainda no mesmo livro que o memorialista nos traça, com o vigor instantâneo dos grandes retratistas, o perfil de medalha de uma das magnas figuras da tribuna gaúcha, talvez a que mais tenha influído na formação distante de tóda a linhagem de oradores políticos que atearam a Revolução de 30. Refiro-me a Gaspar Silveira Martins, tribuno de raça, desses a quem se pode aplicar a frase de Santo Agostinho que João Neves lembrou a propósito de Coelho Neto: «Ele não depende das palavras, as palavras é que dependem dêle».

Foi êsse instintivo da palavra quem disse de si mesmo, num desses assomos que só se permitem às figuras que escapam à medida comum. "Eu sou o jequitibá da floresta e o machado que me cortar há de sair dentado".

Lances como êsse não se perdem na tempestade dos aplausos - - ressoam no curso do tempo, sobrevivendo na memória da tradição.

Não seria difícil encontrar nesse modelo de orador político, que a memória do povo guardou numa moldura de lenda, o fiat genésico de tóda uma geração de oradores — a geração de oradores gaúchos que se fêz

ouvir na campanha da Aliança Liberal: Flores da Cunha, João Neves da Fontoura, Osvaldo Aranha, Batista Luzardo, Getúlio Vargas. Antes dessa geração, e unindo-a à de Silveira Martins, três figuras se erguem dominando os pampas gaúchos — Assis Brasil, Pinto da Rocha e Pedro Moacir.

Desse elenco de tribunos, João Neves da Fontoura se destacaria como aquele que mais facilmente encontrou a adequação de sua **grandeza** na harmonia da expressão oral com a expressão escrita. Assaltado certa vez pelos apartes, na tribuna da Câmara dos Deputados, reatou **êle** assim a linha de seu discurso: «Não é de meu feito escrever as minhas ideias dentro de uma ordem sistemática. Prefiro construir o discurso com os apartes e fazer com que as ideias repontem no tumulto da discussão».

Dizia Bossuet que é o auditório que faz o pregador. E isto mesmo sentiu João Neves, ao longo de **tôda** a sua **trajetória** de orador político, de que nos resumiu o tirocínio, nesta síntese da figura de Silveira Martins: «O grande orador é um tradutor verbal de sentimentos: transforma em palavras a muda inspiração dos ouvintes».

Getúlio Vargas, seu companheiro de geração acadêmica e de revolução política, inverteu os termos dessa experiência tribunícia, porquanto era **êle**, no tom pausado de seus discursos, quem fazia o **auditório**.

Compreende-se que fosse assim. Vargas não improvisava — lia os seus escritos. A oração vinha pronta, como às partituras da **orquestra**: a voz do orador é que **lhe** dava o vigor interpretativo, no momento da

execução. E era na habilidade do intérprete — intérprete de si mesmo — que estava a força mesma do tribuno. O estilo dos seus discursos podia variar — o que não variava era a voz do orador, que se espalhava com um timbre inconfundível, demorando as palavras, enunciando pausadamente as sílabas, demorando ao final de cada período, com um dom de comunicabilidade verdadeiramente prodigioso. Falando aos trabalhadores a 1.º de maio, saudando os brasileiros no apontar do ano novo ou proferindo nesta tribuna o louvor de Alcântara Machado, Vargas não alterou a disposição das notas nas linhas de sua pauta. E **dêle** se podia dizer o que se disse do violinista famoso — que apenas com uma corda de seu instrumento tocava todas as melodias.

III — A ORATÓRIA DO PRESIDENTE KUBITSCHER

A chamada crise de crescimento, que parece realmente caracterizar este período da vida brasileira, encontrou no Presidente Juscelino Kubitschek o seu mais original tribuno. Ao invés de inquietações e receios, que a sua eloquência poderia exprimir para alertar a Nação nesta travessia de mar alto, o que *êle* dá ao País, com a perene disponibilidade de seu entusiasmo criador, é o otimismo comunicativo com que vai realizando a sua grande obra de Governo.

A primeira vez que o ouvi — e isto ocorreu através de um programa de televisão, na campanha política que o levou à chefia do Governo — tive a impressão de que *êle* trazia de cor o seu discurso.

Eu havia lido, por aqueles dias, nos "Ensayos Liberales", do Prof. Gregorio Marañon, um magistral estudo sobre a psicologia do gesto e a sua importância na expressão oral das emoções humanas. E o que robusteceu em mim a desconfiança de que o político mineiro recitava foi a ausência da dinâmica das mãos na enunciação de seu discurso. Nenhum movimento dos braços, desses que antecedem ou acompanham a palavra

dos mestres da tribuna e que têm a chancela de Cícero nas preceptivas do género. A própria fisionomia como que dissociada dos veios emocionais de que fluía a frase correntia ajustada ao pensamento político.

Vim a saber depois que o candidato falava numa câmara de televisão, apenas com a assistência dos aparelhos que lhe captavam e transmitiam a imagem e a voz: a ausência do gesto correspondia, assim, à ausência do público diante dos olhos do orador.

De Boíssy dizia Victor Hugo: «Ele tem o aprumo, o sangue frio, a facilidade de palavra, todo o acessório do grande orador. Só lhe falta o talento". O Presidente Juscelino Kubitschek tem ainda o talento que faltava a Boissy. Sua oratória é mais a fluência verbal que a teatralidade do discurso. A gesticulação, a mímica, o jôgo fisionómico, não prevalecem sobre a oração, que tem na palavra livremente enunciada quase tôda a sua vida e o seu movimento.

É ele, em verdade, um autêntico dominador do verbo, no sentido de ter sempre à disposição de seu pensamento a palavra clara, que deriva sem pausas nem hesitações, correntia, fluente, como a água límpida que desce por extensos canais retilíneos. Não encontrareis na sua voz os matizes da gradação emocional. Nem a teatralidade dos oradores políticos que representam os seus discursos. Entretanto, vereis o auditório preso ao seu verbo e por êste dominado.

A grandeza da eloquência do Presidente Vargas estava na interpretação do discurso escrito; a do Presidente Kubitschek, na fluência do discurso improvisado.

É preciso que o vejamos na tribuna, sem uma nota, sem um papel, com a imaginação voltada para o amplo horizonte visual de suas metas de Governo, para que lhe alcancemos a medida da eloquência, na plenitude de seus recursos de expressão e comunicação popular.

Onde o segredo dessa oratória? Não está na mímica ou na gesticulação teatral. Nem tampouco na riqueza de tons da voz. E então — onde o seu mistério? Nesta circunstância: o Presidente Juscelino, com o seu otimismo criador, é um estupendo professor de entusiasmo. Visionário político, ele planta árvores para o futuro e nos faz ver logo a seguir a floresta que terminou de plantar. Se os seus adversários não comungam desse entusiasmo, de que sairá, estou certo, em grande parte, o Brasil de amanhã, é que o otimismo dos políticos, para os ouvidos da opinião pública, tem isto de comum com a fé em Cristo, da definição de Nabuco: é o pássaro pousado no alto da ramagem e que só canta quando Deus escuta.

IV — DE CARLOS LACERDA A JÂNIO QUADROS

Entre esses adversários, quero desde logo destacar, por sua excepcional importância no panorama político do País, o nosso maior polemista da tribuna — o jornalista Carlos Lacerda.

Numa das notas de seu diário de poeta, vaticinou Alfred de Vigny que a imprensa terminaria por devorar a oratória. No exemplo de Lacerda, essa previsão falhou: nêle, o jornalista preparou o orador. E êste, por derivação natural, passou da tribuna da imprensa para a tribuna parlamentar, com a sua vivacidade polémica, a sua fluência verbal e as suas cóleras políticas.

Em Lacerda, na verdade, é grande o jornalista. Maior, entretanto, é o orador. Os defeitos que naquele se notam, neste desaparecem, convertidos em qualidades. Por exemplo: a extensão de seus artigos de jornal, frequentemente demasiado longos, longos não por força da prolixidade e sim da veemência *combativa*. Em carta famosa, o Padre António Vieira se justificou por ter sido tão longo, alegando que não tivera tempo de ser breve. Carlos Lacerda, falando ou escrevendo, não é longo só por falta de tempo -- é longo por instinto polêmico.

A fluência do jornalista, por vezes excessiva, ganha um novo vigor na fluência do tribuno. A palavra muda da letra de forma anima-se com o alento de vida nervosa que lhe comunica o orador improvisando o seu discurso. A voz, a presença física, a clareza da elocução, a agilidade da expressão, o corte certo da frase e sobretudo a instantaneidade da réplica feliz, fazem de Lacerda neste momento o maior orador da Câmara, e eu sei ainda que **êle** está entre os maiores, no curso de **tôda** a história de nossa vida **parlamentar**.

Das centenas de oradores que o Conde de Afonso Celso disse ter ouvido na Câmara dos Deputados durante os oito anos de sua vida parlamentar, destacou **êle** apenas **cinco**, que lhe pareceram as culminâncias da tribuna política, sem que esta escolha implicasse em demérito dos **demais**.

De 1930 para cá, não obstante o largo período em que permaneceram fechadas as duas Casas do Congresso, a **Câmara** e o Senado contribuíram notavelmente para a seleção da aristocracia de oradores de que se fazem os regimes **democráticos**. Entre os grandes vultos que voluntariamente se afastaram da luta política ou se viram incorporados ao quadro dos «**eminentes pros- critos do sufrágio popular**», desejo recordar Aloísio de Carvalho, Marcondes Filho, Gustavo Capanema, João Mangabeira, Prado Kelly, Vieira de Melo, Alcides Carneiro. **Deter-me-ei** numa figura da **Câmara** e noutra do Senado, cada uma com o seu estilo e ambas igualmente admiráveis: Raul Fernandes e José Américo de Almeida.

Grande advogado de mordacidade voltaireana, o Ministro Raul Fernandes parece ter trazido para a tribuna parlamentar a experiência do tribunal ateniense, em cujo recinto, como se sabe, um austero serventuário da justiça impunha silêncio aos advogados que ensaiavam apelar para os recursos patéticos da emoção na defesa de suas causas. Essa linha **cerebral**, que o trato da lei aprimorou, deu ao Deputado Raul Fernandes, no dizer de nosso companheiro Luís Viana Filho, o aticismo da tribuna.

Posto em confronto com Raul Fernandes, árvore esguia de pomar urbano que se dá melhor em clima frio, José Américo ressalta ainda mais o seu contraste de árvore agreste do sertão que só cresce na cidade se conserva nas raízes a porção da terra onde **nasceu**. Essa presença telúrica é a marca de sua personalidade — no ensaio, no romance, no discurso dos comícios, na oração parlamentar. Sua voz de protesto, talhada para a **promotória** das acusações em campo aberto, traz o vigor dos libelos que mobilizam multidões. Com esta curiosa circunstância: José Américo tem o dom de interpretar o povo reunido na praça pública e o faz com o discurso que já trouxe escrito.

Agora, uma pergunta. Os discursos políticos devem ser escritos ou improvisados? A literatura e a história reclamam os textos **escritos**. Mas o público se inclina para o improvisado, que é feito diante de seu olhar. Nestes casos, não é apenas o orador que se acha em comunicação direta com o auditório — é também o mistério da criação do discurso, de que o público por sua vez participa com o seu testemunho, a sua ansiedade e o seu

aplauso. Em grande parte, a atenção do público não depende somente da palavra enunciada — depende dos olhos do orador. Quando **este** fala de improviso, exerce naturalmente a fiscalização do auditório, dando a impressão individual a cada ouvinte de que é a **ele**, em **particular**, que o orador se dirige. O discurso escrito, além de excluir a participação do ouvinte no mistério de sua **elaboração**, apossa-se do olhar do orador, que só a breves intervalos relanceia pelo auditório. Vossa primeira reação, minhas senhoras e meus senhores, quando um orador sobe à **tribuna**, é olhar-lhe o tamanho do **discurso**. E como agradeceis intimamente quando o tribuno salta a página! Mas não há **nisso** despreço ou **desinterêsse**. Há uma represália instintiva, que se explica pela íntima sensação de que fostes defraudados, no vosso gosto da conferência ou do discurso. No improviso, notou certa **vez** Thibaudet, há um pouco da “**Commedia dell’Arte**” italiana, em que o ator, embora sem fugir às linhas de seu papel, cria a representação diante do **público**. E é deste espetáculo complementar que o auditório se vê privado com o discurso **escrito**. Aqui não há a surpresa da criação. Para a malícia de quem redige com experiência, até os efeitos se acham **premeditados**. A própria voz do orador (e eu estou fazendo aqui a minha crítica) não se enriquece da variedade de matizes que só o calor e a vibração do improviso lhe poderiam dar.

Não há muito, assistimos à estreia parlamentar do Prof. San Tiago Dantas - - incontestavelmente um mestre de nessa tribuna — com um discurso **escrito**. Dias **depois**, voltou **ele** à tribuna para um discurso de

improviso — e só então proporcionou à Câmara a medida de sua grandeza, como senhor absoluto da palavra em cujo estilo a forma é a epiderme do corpo **apolíneo**.

A próxima campanha presidencial proporcionará ao País o conhecimento direto de um autêntico mágico do discurso: o Deputado Jânio Quadros. A **vassoura**, que **ele** converteu em símbolo de suas campanhas, completa-lhe o tipo de feiticeiro político — o feiticeiro que vem por aí. Tive oportunidade de encontrar, na leitura de uma das viagens de Gulliver, essa vassoura do Deputado Jânio Quadros incluída numa linguagem cifrada como símbolo de **revolução**. Mas não sei até que ponto a vassoura do político brasileiro se confunde com a sua ascendência literária. O que posso afirmar é que, ao exotismo da figura despenteada do grande orador, se associa a novidade de seu estilo na tribuna, com esta característica, que desde logo o diferencia: Jânio Quadros é um extraordinário orador — poupado de **palavras**. Isto nos deixa sentir a vigilância de seu raciocínio sobre o seu **verbo**. Por isso mesmo, **ele** improvisa, mas não se compromete. Um pouco à maneira do mágico prodigioso da peça de Calderon, o ex-Governador de São Paulo parece ter a especialidade de dar lições a seus mestres. Sua sobriedade verbal, que por vezes raia pela parcimônia, converte-o num criador de **slogans** sucessivos — eu ia dizendo sucessórios — que instantaneamente se fixam na memória das multidões.

V — MESTRES DO DISCURSO ESCRITO

Mas o discurso escrito, não obstante a sua contraindicação como instrumento de comunicação com o auditório, é um gesto de humildade e uma homenagem — gesto de humildade, pelo que significa como temor da palavra; homenagem, pelo que exprime de redobrada atenção do orador para com o público.

Ler bem é talvez mais difícil do que bem improvisar. Este é um dom que se aprimora; aquele, uma técnica que só se alcança com o tempo.

Na Academia, Rodrigo Otávio Filho é um dos mestres da leitura em público. Neste nosso companheiro, há mais o conferencista que o mestre do discurso, por esta diferença, que encontrei num dos príncipes da tribuna espanhola: a conferência é a conversa, o discurso é o canto do orador.

Dessa conversa em voz alta, feita com o texto escrito diante dos olhos, Rodrigo é o artista perfeito: lê sem pressa, dominando os seus nervos e o auditório — e tem no correr da leitura a vivacidade e a graça de quem vai compondo na hora o seu discurso.

Outros admiráveis dominadores da palavra escrita, nas conferências desta tribuna: Múcio Leão, Barbosa

Lima Sobrinho, Ribeiro Couto, Menotti del Picchia, Ademar Tavares, Maurício de Medeiros, Manuel Bandeira, Luís Viana Filho, Elmano Cardim, Ivan Lins, Clementino Fraga, Guilherme de Almeida, Aloísio de Castro, Afonso Pena Júnior, Viana Moog, Luís Edmundo, José Carlos de Macedo Soares, Carneiro Leão. A Academia plenamente os conhece, nas suas peculiaridades e grandezas. E são eles que dão à eloquência nesta Casa o sentido que um analista político encontrou nos parlamentos — o encanto dos homens reunidos.

Ponho de parte, entre os confrades da Academia, a figura inquieta de Viriato Correia, para um comentário marginal sobre a teatralidade de seu discurso, já estudado, aliás, por Múcio Leão, num primoroso artigo de jornal. Viriato, sozinho nesta tribuna, como que feita para ele sob medida, é todo um elenco teatral. Sua agilidade dramática principia com a sua própria figura: pequeno, vivo, vibrátil, ele não sabe permanecer quieto, nem mesmo na poltrona da Academia. Já o comparei certa vez a um ponteiro de segundos, na impaciência de seu feitio. Direi melhor: tem a pressa de uma formiga fora do formigueiro. E essa inquietação de temperamento transborda do homem para a escrita e da escrita para a interpretação oral da tribuna acadêmica.

Alceu Amoroso Lima pertence ao número reduzido dos que nesta Casa não se intimidam mais com a tribuna da Academia. Esta, embora aconchegada e pequena, com seu ar eclesiástico de púlpito de capela, ainda hoje me amedronta, e é por isso que só a visito com um discurso escrito. Alceu dominou-a com a sua

simplicidade de sábio. Orador de muitas tribunas, sobretudo da tribuna universitária, este mestre da crítica dos livros e das ideias inverte o processo normal da elaboração do discurso, porque primeiro improvisa a conferência, para redigi-la depois com a memória da criação diante do público.

E o Presidente da Academia? Tenho a impressão de que Austregésilo de Ataíde, integrado na sua condição de Presidente, leva tão a rigor o ato de dar a palavra aos colegas que não a quer agora para seu uso e proveito. Nenhum Presidente mais calado do que ele. Sentado a seu lado à mesa da Diretoria, algumas vezes me tenho fingido de mudo para não ficar com a palavra que ele afetuosamente me oferece. E todos nós, que sempre o ouvimos com admiração e aplauso nestas conferências, bem sabemos que, se é de ouro o silêncio atual de nosso Presidente — o ouro com que ele vai enriquecendo sob a forma de donativos o patrimônio da Academia — é do mesmo metal a sua palavra de erudito, palavra de ascendência clássica, disciplinada no trato dos mestres da língua e convertida em instrumento de irradiação brasileira através de um longo tirocínio da vida de jornal.

Quanto a Peregrino Júnior, não há generosidade em dizer que figura entre os primeiros tribunos da Academia. Eu só vim a ter uma ideia exata do Peregrino orador quando o nosso dileto companheiro exerceu a Presidência desta Casa. Por esse tempo, sempre que um de nós pedia a palavra, nosso caro Peregrino, um pouco à maneira da personagem de Molière com o seu bom-dia, não nô-la dava propriamente — empres-

tava. E digo emprestava porque, logo a seguir, *êle* volvia a ficar com ela, ágil, irónico, *elegante*, acelerando o passar das horas com a vivacidade, a erudição, a ironia e a graça de sua fluência verbal.

Devo aqui confessar que uma das mais fortes emoções que me ficaram de uma palestra literária, eu a devo ao Ministro Francisco Campos, com a sua conferência sobre Cervantes e o Dom Quixote, uma tarde, no Auditório do Ministério da Educação. O texto estava escrito e *êle* o interpretava, em tom pausado, fazendo crescer a frase e em seguida deixando-a *desfazer-se*, com um tom que jamais encontrei em outro conferencista. Eu conhecia o jurista e o analista literário, *êste* último através de um magnífico estudo sobre a poesia moderna, mas o orador sobrelevou a ambos, na minha admiração e no meu aplauso.

Na mesma *linha* de interpretação dos próprios textos, situo Augusto Frederico Schmidt, por vezes um maravilhoso tribuno em transe de eterna poesia.

E aqui é chegado o momento de louvar Gilberto Amado, hoje em viagem sentimental pelos caminhos de seu passado, mas ontem conferencista e orador parlamentar, mestre perfeito em quem o estilo nunca buscou um assunto, porque os assuntos sempre *lhe* afloraram à ponta da pena harmoniosa, com o mesmo dom inaugural que *êle* identificou "nos poetas que assaltam as intenções da natureza".

Oswaldo Orico, hoje docemente exilado às margens do Sena, andarรก sentindo na distância da terra natal a saudade da gente e da terra brasileira, mas sentirá

também com a mesma força, nas raízes mesmas de sua vocação literária, a saudade desta tribuna, que *lhe* deu oportunidade de exprimir, na hora reflexiva da maturidade, o maior deslumbramento de sua juventude, quando aqui celebrou o *gênio* de Rui Barbosa. Tribuno político e tribuno literário, Orico é um temperamento *marcadamente* discursivo, de que dá bem a ideia a sua sedução pela biografia de dois grandes tribunos: Patrocínio e Silveira Martins.

VI — DOIS REPENTISTAS DA PROSA:
CHATEAUBRIAND E CALMON

Não foi Goethe quem afirmou ser a escrita um abuso que se faz à palavra concebida? Entre os grandes repentistas da prosa na Academia, destaco, neste momento, Assis Chateaubriand e Pedro Calmon.

Direi primeiro de Assis Chateaubriand, autêntico plenipotenciário da pena e da tribuna. Chateaubriand não cabe na dimensão filosófica segundo a qual o homem é a medida do homem. Mais do que um escritor, um diplomata, um parlamentar, um professor, um homem de jornal e um homem de negócios, o sucessor de Vargas na Academia é uma força da natureza, como o velho e prodigioso Alexandre Dumas, de quem se disse que trabalhava mais do que Deus porque nem no domingo descansava.

Definiram-no, certa vez, como um tipo da Renascença, deslocado neste século — encarnação brasileira, aflorada em terras paraibanas, daqueles titãs que agiam acima das leis e dos códigos e sobre os quais se estendia a indulgência compreensiva e paternal de pontífices como Júlio II. Mas já aí começa a contradição da fi-

gura, porque *êsse* insigne acima da lei é, ao mesmo tempo, um legislador e um professor de **Direito**.

Mas a verdade é que Chateaubriand é *êle* próprio, sem modelo nem continuador. A rusticidade bronzeadade de seu tipo caboclo, como que talhado à feição para as vestes de couro de sua Ordem do Vaqueiro, *êle* mesmo impõe um desmentido, com a sua condição de diplomata na corte mais formalista do mundo. Podendo sair à rua com um chapéu de carnaúba à cabeça para comparecer a uma reunião de caipiras, irá com o mesmo desembaraço a uma corrida no Prado, de luvas e cartola, como um *gentleman* perfeito.

A palavra, nesse capitão de indústria da opinião pública, é o potencial elétrico, de que depende toda a formidável estrutura de suas empresas e iniciativas. Não errará quem disser que a vigília de Chateaubriand é feita de palavras. Se *êle* se cala ou abandona a pena, adormece logo a seguir. Para que permaneça acordado, indispensável se torna que esteja falando ou escrevendo. E quando se cala, *êle* não dorme propriamente — passa apenas pelo sono, de que repentinamente emerge com a palavra em ação.

Pedro Calmon é um repentista de outro feitio. Enquanto o paraibano é um ímpeto, como uma explosão de forças naturais, o baiano é o homem arrumado, no modo de vestir-se, na maneira de falar, no jeito de escrever. Dêle disse certo dia um de seus amigos fraternais que Calmon, no seu gosto do discurso, primeiro pede a palavra, depois é que se informa sobre o que é que vai falar.

A frase maliciosa exprime apenas a caricatura da verdade. Mas deixa sentir o poder de improvisação, verdadeiramente extraordinário, desse nosso companheiro. Dou agora um exemplo ilustrativo, colhido nas tradições da Academia.

Em 1954, quando aqui se realizou o Curso de Teatro, cabia a Cláudio de Sousa dissertar nesta tribuna sobre nossa dramaturgia colonial. Perto da conferência, o conferencista cai enfermo. E Calmon é chamado, no último dia, para substituí-lo. *Êste* mestre da tribuna entra aqui quase à hora da aula, com o ar *lépido* de quem caminha na ponta dos pés. Chama a um canto Viriato Correia e põe-se a conversar em voz baixa com o teatrólogo de *A sombra dos laranjais*. Quando a conversa termina, Viriato vem a mim, aflito, preocupadíssimo, *êle* que já é nervoso de temperamento e feitio, e me segreda ao pé do ouvido:

— O Calmon não teve tempo de preparar a aula. Agora mesmo me pediu uns dados sobre o tema da lição.

E com o seu ar dramático, levando as mãos à cabeça:

— Estou com receio da conferência de hoje!

Confesso que me sentei apreensivo, lá ao fundo da sala. Viriato, ali na sua poltrona, não tinha sossego, com o pavor prévio das criaturas assustadas. A casa repleta. Risonho, tranquilo, como se a conferência não fosse realmente sua, Calmon assomou a esta tribuna, trazido pelas palmas que nunca lhe faltam. Sorriu à direita e à esquerda. Esperou que os fotógrafos batessem as chapas do ofício. Em seguida,

nomeou uma a uma as autoridades **presentes**. «Está ganhando tempo» — disse eu comigo. Viriato, ali adiante, deve ter pensado a mesma coisa, porque se agitou mais na cadeira, **aflitíssimo**. E foi aí que **Calmon** principiou a sua lição. De início fazendo voltas ao assunto, como a águia que sonda o espaço escolhendo a montanha onde vai pousar. E **ei-lo** que entra verticalmente no tema da aula. O braço direito empina-se, dedo indicador em riste. A voz clara enche a sala. A certa altura, parece esfarinhar qualquer coisa na ponta dos dedos da mão esquerda, seu cacoete mais comum na tribuna. E a lição vai fluindo, com o luxo **exato** das datas, dos nomes e dos títulos das peças, como se Calmon, durante um mês a fio, não tivesse leito outra coisa senão estudar a fundo o tema da conferência — que Cláudio de Sousa devia fazer. Ao fim da lição os aplausos reboam neste salão, cálidos, demorados, efusivos, festejando uma das mais **belas** aulas de Pedro Calmon nos cursos da **Academia**.

E enquanto o virtuose da palavra empolgava o seu auditório, concluindo a magistral lição com que nos encantou e para a qual Viriato Correia tinha dado a colaboração de alguns informes ocasionais, eu me recordava daquele citaredo que, num poema de D'Annunzio, vê partir-se uma das cordas de sua cítara, no momento de uma competição. No dizer do Poeta, uma cigarra pousou no instrumento e, solícita, prestimosa, quando o músico ia tanger a corda partida, emitiu o som correspondente — e foi assim que, na velha Grécia do poema d'annunziano, o citaredo conquistou no concurso o primeiro lugar.

E foi **esse** também o caso do repentista que todos admiramos nesta Casa. Calmon não é, entretanto, apenas o improvisador jovial que acabo de descrever — é ainda o estudioso do discurso, capaz de repetir, frase a frase, sem o esquecimento de uma palavra, **tôda** uma longa oração de posse, como ocorreu na noite em que saudou a Rodrigo Otávio Filho, aqui mesmo, em nome da Academia.



VII — OTÁVIO MANGABEIRA

Prodígio assim, vimo-lo há poucos meses, por artes de outro potentado da tribuna, quando aqui **falou**, voltando as folhas de seu discurso com os olhos postos no **auditório**, o nosso eminente companheiro Otávio Mangabeira. Anatole France, que escreveu as suas impressões do velho Senado francês, ali identificou, na figura do Senador Buffet, um vulto de tão **alta** respeitabilidade que **dêle** se podia dizer, num resumo de suas virtudes, que era escutado antes mesmo de falar. A expressão se ajusta, com rigorosa propriedade, ao Senador Otávio Mangabeira.

Mas se a **êsse** eminente consócio lhe ouvimos atentamente o silêncio — o grave silêncio significativo de quem se fatigou de advertir politicamente o País — também é verdade que redobramos de atenção para a sua palavra de frémite profético, em que por **vêzes** perpassa, egressa do romance camiliano, aquela sombra de desencanto do reitor de Caldelas, que se limitava a pregar os seus sermões com aplauso dos entendidos e inutilidade dos pecadores.

Essa vidência do futuro, oriunda da larga experiência política sofridamente **vivida**, valeu-lhe há

tempos, na **Câmara** dos Deputados, quando ali discursava prenunciando borrascas, a vivacidade deste aparte, desfechado pelo antigo líder do Partido Trabalhista e admirável tribuno parlamentar, que é Fernando **Ferrari**: «Vossa Excelência tem sido um bom político, mas um mau profeta».

A réplica ao aparte é o teste decisivo do orador. É sabido que **tôda** a magnífica estrutura tribuniária de Victor Hugo, ensaiada em seu domicílio e trazida à Câmara na ponta da língua literária, aluía fragorosamente à investida do primeiro aparte não previsto pelo tribuno.

Ao aparte do jovem líder do P. T. B., Otávio Mangabeira como que deu um salto na tribuna, rapidamente voltado para o aparteante: «Não apoiado. Recebo com boa vontade as suas palavras, não digo a sua ironia, porque sei que V. Exa. não tem êsse pensamento. Se alguma coisa tenho sido neste País, é mau político, porque vivo sempre no ostracismo. Ainda agora, beirando os setenta anos, sou um soldado raso nesta Casa, tão mau político fui a vida inteira. Não tenho, sequer, nenhuma autoridade para vir a esta tribuna. Hoje aqui estou mais como um intruso. Quem teve a palavra foram os líderes, inclusive V. Exa. que, ainda na flor da idade, é líder de um grande Partido. Eu hoje sou aqui soldado raso, despido de dragões e de estrêlas. Tudo que cinquenta anos de trabalho me deram me foi retirado. Se ocupo a tribuna, é por conta própria. Agora, bom profeta tenho sido. Anunciei que o Estado Novo se perpetuaria até ser deposto pelas armas. E se perpetuou. Anunciei que o

Sr. Getúlio Vargas, voltando ao Governo, depois de ter sido deposto como ditador, acabaria tragicamente. E **acabou**. Todos os meus vaticínios se têm **realizado**».

Hélio Sodré, que narra o episódio em sua *História Universal da Eloquência*, acentua que a réplica **instantânea**, sacudindo vibrantemente **tôda** a Câmara, marcou o mais alto momento da glória tribuniária de Otávio Mangabeira. Glória alta, acima de contestações e **divergências**. E que aqui se renova, à simples enunciação de seu grande nome.

VIII — ENTRE A ORATÓRIA PARLAMENTAR E A ORATÓRIA SAGRADA

Li, não me recordo agora em que pensador político, que os parlamentares de um país se dividem em duas categorias: os que representam o povo, como expressões individuais das grandes massas humanas, e os que representam a Nação, como vozes da entidade abstrata politicamente organizada.

À luz desse esquema, no Senado estariam os representantes da Nação; na Câmara, os representantes do povo brasileiro. O próprio clima político das duas Casas do Congresso deixa sentir essa diferença, logo ao primeiro olhar do observador: aquilo que numa é rumor e debate, com animação tónicamente polémica, na outra dir-se-ia remanso de altos espíritos serenos, feitos mais para a conciliação que a divergência.

As últimas eleições deslocaram da Câmara para o Senado o nosso companheiro Afonso Arinos. Sei que o Senado ganhou com a escolha. O que não sei é se a Oposição ganhou com a troca.

Não obstante a linha aristocrática de seu espírito, Afonso Arinos deixou na Câmara, através de um largo tirocínio de liderança, uma tradição de veemência po-

lêmica, que lhe advinha, em linha reta, de sua genuinidade política, como representante **do povo**. O clima do Senado, se não lhe arrefeceu nestes primeiros tempos o ardor combativo, há de **impor-lhe** o seu ar sereno de Academia política, que hoje parece reinar nos velhos cimos de montanha onde Rui estalou muitos dos raios implacáveis de sua cólera sagrada — a menos que essa cólera rediviva, **fazendo** estalar os seus trovões amazônicos naquela clara amplidão de primavera **suiça**.

No clima dos grandes triunfos como senhor da **pa-**lavra **política** na tribuna parlamentar, outro intérprete do povo, o Deputado Paulo Pinheiro Chagas, biógrafo que a Academia consagrou com uma de suas **láureas**, realizou boa parte de seu renome de homem de letras seduzido e dominado pela Política. Para utilizarmos uma expressão do jornalista Osório Borba, podê-**mos** situar na categoria dos panfletários a favor, ou seja: dos que fazem o louvor com a vivacidade **polé-**mica de um desafio. Seu último grande discurso na tribuna da Câmara dos Deputados, proferido em defesa do **atual** Governo, obedece a **esse** corte de eloquência, e aí temos o orador mineiro na linha de sua mais típica expressão **tribunícia**.

Na última quinta-feira, aqui ouvimos o Ministro Annibal Freire, que uniu as pontas do tempo revivendo com a sua bela lição na tribuna acadêmica a glória de tribuno parlamentar do começo de sua carreira de homem público. Quando, entre a Câmara e a **Acade-**mia, **fêz êle** o seu estágio de jurista emérito no Supremo Tribunal, deveu isto à **circunstância**, já assinalada por Barres, de que todos nós seguimos a estrada que passa

por nossa aldeia. E a **dêle** é a do Direito, não o Direito que entrechoca paixões humanas em ásperos **litígios**, mas o que sobe ao monte para receber as tábuas da lei. Eu diria que a eloquência do Ministro Annibal Freire, não obstante a sua experiência parlamentar, é mais judiciária que política, no sentido de estar mais próxima de Lísias que de Cícero, entre os modelos da antiguidade **clássica**.

E é nesse ponto que a oratória de Annibal Freire se aproxima da oratória de Levi Carneiro, **êste** advogado de vocação e formação, integralmente ajustado, na inteireza de sua vida e no vigor de sua eloquência, à **idêia** romana de Catão sobre o perfeito advogado: «Um homem de bem que conhece como poucos a arte de **falar**». E alie-se mais a essa experiência da lei, na personalidade de Levi Carneiro, o convívio dos valores literários, que o leva hoje a trocar as novas **glórias** de sua profissão pelo doce gosto acadêmico de coordenar e dirigir a *Revista Brasileira*.

A oratória forense põe em evidência, no plano da vida judiciária, a lógica pirandelliana da verdade de cada um. Essa verdade é procurada, no **jôgo** da palavra viva, pelos dois caminhos divergentes — o da acusação e o da defesa. E é aí que a lei trava a sua luta quase física com as paixões **humanas**.

A oratória de Demóstenes, com o advogado na tribuna, Thibaudet contrapunha as excelências da oratória sóbria de Lísias, em que o próprio acusado recitava a sua defesa.

Nossa oratória forense é quase sempre do primeiro tipo. Não raro, na sua veemência, parece mais passional

que os crimes passionais que defende ou **acusa**. De seus mestres vindos até **nós**, lembrarei Evaristo de Moraes, Mário Bulhões Pedreira, Jorge Severiano Ribeiro, Lima Drumond, Melo Matos, Gomes de Paiva, Roberto Lira, Carlos Sussekind de Mendonça. De todos, o mais popular, embora calado pela morte, é ainda o velho Evaristo, de **voz** potente, sacudindo a sala com os seus rugidos de advogado, espécie de João Caetano do **Fôro** na arte de interpretar as tragédias alheias criadas pela vida — e a quem Margarino Torres aplicou, sem mudar uma vírgula, o retrato de Lachaud pintado pela pena de Henri Robert.

A procura da verdade — mas de outra verdade, não contingente ou transitória, e sim eterna — é objeto de outra eloquência: o que se exprime na eminência das tribunas **eclesiásticas**.

A oratória sagrada, pelo menos na área de língua portuguesa, é a eloquência austera por excelência. A palavra sermão, primitivamente circunscrita à ideia da prédica no púlpito, passou a significar, em sentido mais amplo e comum, o carão ou a reprimenda, que ninguém deseja **ouvir**.

Foi em vão que, na Espanha do século XVII, Frei António de Guevara tentou converter o sermão em pretexto de comicidade, **fazendo** rir os seus fiéis com tanta graça que Mateo Luzan lhe aproveitou as prédicas chistosas na continuação de uma novela picaresca. A tradição do género no Brasil é a austeridade sacra, de que Ivan Lins nos deu a exata notícia na lição aqui há pouco proferida. E uma figura, no púlpito brasileiro **moderno**, deve hoje resumir essa eloquência — a figura de Dom

Hélder Câmara, colocada sem favor algum no altiplano de nossos mais ilustres pregadores.

Conheci Dom Hélder pelas alturas de 1938, quando ambos nos inscrevemos no mesmo concurso de técnica educacional, de que **saimos vitoriosos**. Já então era **êle** a mesma figura frágil, tocada pela humildade e pelas glórias de seu ministério. Pude assistir desde então a boa parte de sua carreira exemplar a serviço de Deus e **nêle** senti, logo aos primeiros contatos, a energia superior de quem, à feição de São Paulo, anda por fé e não por visão. A pugnacidade abençoada, que hoje o coloca entre os grandes vultos de nosso episcopado, cedo madrugou em seu espírito, **dêle** fazendo um pregador identificado com as grandes reivindicações sociais, desde que se sagrou sacerdote de Cristo.

Dessa identificação humanitária, dou aqui uma ilustração episódica, que nos ajuda a conhecer a singularidade de sua figura através da graça ocasional de uma anedota que suponho verdadeira.

Levado por seu instinto de solidariedade apostolar, visitou Dom Hélder, numa hora já distante do tempo da Ditadura, a Casa de Detenção da Rua Frei Caneca, a que tinham sido recolhidos, dias antes, numerosos presos políticos, entre os quais o nosso admirado Barão de Itararé, que ali pagava na enxovia de emergência o crime de ter espírito.

Orador nato, de palavra viva e veemente, Padre Hélder, aclamado pelos detentos, proferiu nessa oportunidade um belo discurso, a que não faltou um **cu** outro clarão de crítica **política**. Assim que acabou de falar, sentiu **êle** que o Barão de Itararé queria **dizer-lhe**

alguma coisa. Aproximou-se, interessado. E ouviu do grande humorista, a um canto, **este** grave conselho:

— Padre, sempre que o senhor tiver desses discursos, venha **fazê-los aqui**. Porque, se os fizer lá fora, o senhor vai **prêso**.

Recordei **esse** episódio porque **êle** traça, na ligeireza de sua linha anedótica, o perfil de Dom **Hélder** Câmara — o perfil de ontem e o perfil de hoje — em cuja personalidade de apóstolo há a flama **combativa** que animou São Paulo. No correr do tempo, o sacerdote continuou o mesmo. Foi o Brasil que **mudou**. E por isso pode agora Dom Hélder debater aqui fora, sem receio de ser molestado na sua liberdade, o direito dos miseráveis, a reforma agrária, a opinião individual como um bem intangível, o drama do Nordeste, o problema dos favelados, com a pugnacidade de quem remove montanhas ao clarão da chama de seu verbo.

Devo referir-me a outro pregador, que até bem pouco tínhamos entre os companheiros desta Casa: Dom Aquino Correia. Dom Aquino enobreceu a tribuna acadêmica com as suas glórias de alto dignitário da Igreja — e **fêz** ainda de seu verso uma forma de eloquência sagrada.

Antes do Arcebispo de Cuiabá, aqui tivemos outro sacerdote benemérito na pessoa de Dom Silvério Gomes Pimenta, pregador de linha clássica, verdadeiro bacharel de linguagem, para usarmos a expressão famosa de Francisco Rodrigues **Lôbo**.

Quero fazer a esta altura, tendo em conta a sua flagrante oportunidade, uma pequena observação **mar-**

ginal, que se prende à história da Academia. Não sei se já atestastes para a circunstância de que foi um cearense — Gustavo Barroso — quem sucedeu nesta Casa a Dom Silvério, e foi outro cearense — Raimundo Magalhães Júnior — quem substituiu a Dom Aquino Correia. Isto nos faz supor que, no tabuleiro do xadrez acadêmico, as merecidas imortalidades cearenses só aqui despontam com a eliminação dos nossos **bispos**. . .

Gustavo Barroso e Raimundo Magalhães Júnior pertencem à mesma linha de mestres de conferência literária, com o gosto da graça anedótica, o senso da curiosidade histórica, o aparato objetivo da erudição bebida nas puras fontes da cultura **universal**.

IX — A CONFERÊNCIA LITERÁRIA

Barroso foi o primeiro acadêmico que ouvi, ainda adolescente, em São Luís. Tenho presente na memória a sua alta figura triunfante dominando o palco do Teatro Artur Azevedo e é como se eu voltasse a sentar-me numa das primeiras filas da plateia para ouvir-lhe o retrato sombrio do Brasil, pintado de improviso e concluído com estas palavras, que ainda me ressoam na memória, depois de vinte e tantos anos: "Eu vos digo estas coisas serenamente, tranquilamente, porque sobretudo eu amo a minha Pátria».

No entanto, foi êsse grave orador de inspiração política quem fêz estoirar nesta sala o riso mais demorado da plateia acadêmica, na noite em que, dando as boas-vindas a Olegário Mariano em nome da Academia, alteou a voz, em certo ponto do discurso, para perguntar ao próprio Poeta, que escondia cautelosamente a sua data de nascimento — qual a idade exata do cantor das *Últimas Cigarras*...

O discurso acadêmico, que é um ramo de eloquência de origem exclusivamente francesa, adaptou-se ac Brasil, por influência desta Academia, como uma das grandes modalidades de nossa oratória.

Sabe-se que foi com a eloquência de um advogado — Olivier Patru — que se iniciou na Academia Francesa, em 1640, a tradição dos discursos de posse, que a Academia Brasileira igualmente adotaria.

Trinta anos depois de fundada a Academia, organizou Humberto de Campos uma antologia de nossas orações acadêmicas, mas o fez com a malícia congênita que nunca lhe abandonou a pena admirável. A verdade, entretanto, longe do que afirmava a malícia de Humberto no prefácio de sua coletânea, é que as orações aqui proferidas não se afastaram, com o correr do tempo, dos mais legítimos padrões acadêmicos.

A propósito dos discursos desse tipo, dizia Voltaire que, ao contrário da sátira, que exagera o defeito dos vivos, o discurso acadêmico exagera a virtude dos mortos.

Verdade? Ou também exagero? Os doze volumes compactos dos *Discursos Acadêmicos*, que esta Academia até agora publicou, valem por um curso de história de nossas letras, em cujos capítulos cada acadêmico põe em prática, em boa parte, talvez sem dar por isso, a técnica do retrato literário, preconizada por Sainte Beuve.

Desses doze volumes, em que há seguramente as mais belas orações de seu gênero em língua portuguesa, apanho ao acaso o fecho modelar de uma de suas grandes páginas, para vos dar uma ideia da oratória de Cassiano Ricardo.

Paulista de raízes profundas, o grande poeta de *Martim Cererê*, que havia cantado como Bilac a arre-

metida épica de Fernão Dias Pais Leme em busca das pedras verdes, encontrou nesse episódio do bandeirismo a derradeira frase de sua oração magistral. E foi assim que a concluiu: «Venho de Piratininga, Senhores Acadêmicos. Só não trago esmeraldas».

As orações aqui pronunciadas, não obstante os seus altos méritos, raramente escaparam às multas literárias severamente cobradas pela fiscalização aduaneira do mais brilhante e tenaz dos inimigos da Academia: Agrippino Grieco.

Satírico da prosa, com o gênio mordaz do epigrama, o admirável estilista de *São Francisco de Assis e a Poesia Cristã*, — um dos mais belos livros de língua portuguesa, — fez do combate à Academia, seguindo o exemplo de António de Valbuena em relação à Real Academia Espanhola, o seu ternário predileto.

Não posso afirmar se houve na origem dessa inimizade velha uma ponta de mágoa, porque foi a Academia que tomou a iniciativa de não gostar de Agrippino, quando este aqui se apresentou com um volume de versos, inscrevendo-se num de nossos concursos. O que posso dizer com segurança é que, malgrado não haver conquistado o prêmio a que se candidatara, Grieco mais tarde aqui participou de um torneio poético, com um harmonioso soneto em alexandrinos em que cantava liricamente o Amor e de que a Revista da Academia guardou boa memória em seu número 21...

A prova de que a Academia tinha razão em não premiar o poeta deu-a o próprio Agrippino, ao trocar definitivamente o verso pela prosa, adestrando-se como

um dos nossos melhores prosadores de todos os tempos, com o instinto e a graça meridional dos epigramas de **antologia**.

Tanto assim que, ao visitar uma tarde **este** salão, a língua ferina do sarcasta impenitente não se conteve, quando lhe observaram que havia aqui muitos lugares, e logo comentou, com a sua inevitável mordacidade: «Sem falar nos lugares **comuns**».

Réplicas desse tipo, na sua conversa de todos os dias, contam-se às dezenas. Outro exemplo, ao sabor ocasional das **lembranças**. Em visita a um amigo, antigo companheiro de vida apertada, depois homem próspero, de casa suntuosa, subitamente enriquecido, deste ouviu as seguintes palavras de bom cristão: «Vê você, Agripino, que Deus tem olhado por **mim**». Ao que Grieco prontamente retrucou: «Deus tem é fechado os **olhos**».

Essa língua certa de fio de navalha, assistida por uma ilustração literária realmente assombrosa, é que **faz** do admirável maldizente um dos maiores conferencistas do Brasil, com o segredo dos grandes auditórios.

A conferência literária, que antigamente dispunha de grande público, presentemente é mais pretexto para reunir amigos que motivo para fazer uma **preleção**. Entretanto houve um tempo, aqui no Rio, em que a conferência andou na moda, e conferência de entrada paga e casa cheia. **Bilac**, Coelho Neto, Medeiros e Albuquerque foram os mestres desse diálogo erudito e ameno, de que o conferencista participava com a sua palavra e o público com os seus **aplausos**. Mas a vida da cidade mudou, também mudou o público, a técnica

moderna passou a levar a domicílio, através da **televisão** e do rádio, a palavra que só podia ser colhida na sua fonte. E o género tende a desaparecer, apagando da vida literária esta sobrevivência dos antigos salões, que é a conversa em voz alta, mais divertimento que ensino, na cordialidade de encontros como **este**.

X — AFRÂNIO PEIXOTO

Para concluir, vejo aflorar à minha memória, trazido pela veneração e pela saudade, o maior conversador da Academia: Afrânio Peixoto.

Pode-se dizer de Afrânio, para definir o traço dominante de sua personalidade, que era realmente um homem de espírito em busca de um salão — de um salão como os do século XIX em Paris.

Se houvesse nascido na França, ao tempo da geração que veio de Sainte Beuve e chegou aos irmãos Goncourt, teria pertencido ao salão da Princesa Matilde, de que Jules Lemaitre foi a última glória acadêmica. Ou, andando um pouco mais no século, ao salão, igualmente famoso, de Madame de Caillavet, que fez o renome universal de Anatole France e assistiu ao despontar do génio de Maree Proust. E isto porque Afrânio era, por Índole e formação, um prodigioso, um estupendo, um incomparável conversador.

Dêle ouvi esta pergunta, em nosso primeiro encontro na Academia, ali por volta de 1942: «Sabe você por que não temos bom teatro?» E logo acrescentou, sem esperar por minha resposta: «É porque não sabemos conversar».

E era essa, em verdade, a sua arte admirável. Nascera para o gosto da conversa, como outros nascem para o gosto do canto ou o gosto do salto no trapézio. Daí o professor e o conferencista, ambos admiráveis, que **êle** foi por **tôda** a vida, na correnteza da vocação. A palavra não era nesse mago do verbo aquela zoadada da língua contra o céu da **bôca**, a que aludia Villiers de **I'Isle Adam** — era a recriação contínua, com algo realmente de lúdico na sua volúpia de falar. E estava sempre em contato com um rico manancial de ideias claras, que não cessava de fluir.

Afrânio, logo ao primeiro encontro, que os outros encontros **confirmavam**, dava a impressão de ter lido tudo, em matéria de arte, de ciência e de literatura. Sua cabeça disciplinada devia ser como a que Wells imaginou para uma de suas personagens: as leituras estavam ali guardadas em escaninhos próprios, numa perfeita ordem de classificação, à espera da solicitação instantânea da palavra, com a infinita variedade de seu mostruário ilustrativo.

Como sabia falar! E falava de um modo inteiramente seu. Afrânio não era eloquente dessa **eloquência** que parece obrigar o ouvinte a empertigar-se na cadeira para corresponder à solenidade da oração. **Êle** falava em tom palestrado, sem nada de discursivo. Na tribuna, dava a impressão de atirar o tema no ar, à feição dos pelotiqueiros de circo com a pelota, e **si-lo** a empolgar o seu público, calmo, risonho, natural, senhor de **si**. A frase feliz, que abria sulcos fundos na memória de quem o escutava, saía-lhe fácil, espontânea, à maneira

da água viva da nascente. Como esta definição ferina, que ouvi numa de suas conferências e em que o orador deixou sentir a sua hostilidade ao regime discricionário então vigente: "O Governo é uma instituição destinada a criar postos e impostos — os impostos para pagar os postos".

O conferencista e o professor, que **nêle** coexistiam como expressões de sua individualidade, harmoniosamente se confundiam, na mesma graça **expositiva**. E destes para o conversador a diferença era apenas o tom da **voz**, mais baixo numa roda de amigos, mais alto na sala de aula ou no salão da conferência. Essa **voz** nada tinha de excepcional. Era mesmo, se mal não me recordo, um pouco nasalada. Mas se revestia de uma graça **própria**, difícil de traduzir ou de explicar, na urdidura de sua malícia original.

Relendo os livros do grande escritor, cheguei um dia à conclusão de que só pode gostar de seu **estilo**, feito de frases curtas e salpicado de reticências, quem guardou na memória, a voz, o sorriso, a gesticulação de Afrânio. É a vigência do escritor na escrita, para empregarmos uma expressão de Julian Marias **sôbre Unamuno**. Sem essa ressurreição interior do mestre no correr da leitura de seu opulento legado literário, sua frase nos parecerá um corpo sem vida, a que falta a alma essencial, que era a participação do próprio Afrânio.

Entretanto, se evocais essa presença, com a memória fiel do orador, logo se animará do calor da vida a frase fria e de aparência **fatigante**. E no fluir da leitura vereis que a memória da figura se vai fazendo mais

nítida, mais exata, como se Afrânio ali estivesse, de cabeça inclinada para a direita, certo modo de rir olhando para o chão, a mão esquerda riscando o ar em **gesti-**cuiação comedida — e a palavra a correr, leve, quase alada, mal tocando o solo, como os pés nervosos e **ágeis** das perfeitas bailarinas. Ouvi-o muitas e muitas vezes, na sala de trabalho de Rodolfo Garcia, na Biblioteca Nacional, e a lembrança que **dêle** conservo, aflorando-me à tona da consciência quando lhe leio os livres, é a do «**causeur**» incomparável, que não se cansava nunca e que por sua vez não cansava **ninguém**.

Por **êsse** tempo, outro grande conversador **frequen-**tava a sala de Rodolfo Garcia, no mesmo horário de Afrânio: o General Tasso Fragoso. Quando um falava, o outro ficava **à** espreita, aguardando o seu instante de entrar em cena. Uma tarde, vi os dois entrarem juntos, transpondo no mesmo instante a porta da sala. Quem falaria primeiro? — indaguei de mim para **mim**. Afrânio, mais moço e mais **ágil**, tinha a desvantagem do desconhecimento das manobras militares, em que o outro era mestre. Mas Tasso Fragoso se distraiu a cumprimentar o Diretor da Biblioteca e Afrânio passou-lhe **à** frente, tomando conta da palavra. Quando o General se acercou, já Afrânio, de pé, se apossara do auditório, **constituído** de velhos amigos que ali habitualmente se **reuniam**. Nesse instante, o autor de *Fruta do Mato* era bem o uirapuru, dos versos de Humberto de Campos :

"Dizem que o uirapuru, quando desata
A voz — Orfeu do seringai tranquilo —
O passaredo, rápido, a seguí-lo,
Em derredor, agrupa-se, na mata".

Pássaro canoro do mesmo seringai **literário**, Tasso Fragoso, sentado agora numa poltrona, remoía consigo a impaciência de querer cantar, enquanto ouvia o canto feliz de seu rival. Dez **minutos**. Vinte minutos. Meia hora. E Afrânio falando. A certa altura, o General não se **conteve**. Cabeça branca, gesto enérgico de militar, voz forte de comando, Tasso Fragoso ergueu-se da cadeira e segurou o outro pelos ombros:

— Afrânio, agora falo eu que sou mais velho !

Era **êsse** o mestre admirável da **palavra**, o **inexce-**dível conferencista, o prodigioso conversador, que tantas vezes falou nesta mesma sala, dignificando esta tribuna com a sua palavra correntia.

Uma tarde, ao sair comigo do salão de consultas da Biblioteca Nacional, Afrânio Peixoto teve a bondade de mostrar-me o epitáfio que escrevera para seu próprio **túmulo**. Estava feito em versos e era assim que **dizia**:

Estudou e escreveu
Nada mais lhe aconteceu.

Estaria aí a síntese integral da personalidade de Afrânio? **Não**. Faltava a alusão ao «**causeur**». O conversador primoroso, que se multiplicara em aulas e conferências, no gosto vocacional da palavra articulada, não podia ser **esquecido**. Eu lhe fiz **êsse** reparo, enquanto descíamos a escadaria de pedra da Biblioteca. Em resposta, Afrânio me segurou pelo braço e me disse **estas** palavras:

— Pediram um dia a Sterne que fizesse o epitáfio de uma senhora. E foi isto que escreveu o grande

humorista: «Aqui jaz D. Fulana que a tanto de tanto se calou».

E rindo, numa despedida :

— Vou mandar escrever no meu túmulo que eu também me calei...

Em verdade, a sensação que a sua morte nos deu foi a de que **êle** se tinha calado para sempre. Na hora extrema, **êle** há de ter pensado, como Madame de **Cherouse**, que ia afinal conversar com todos os seus amigos em outros mundos. Mas o que sei, o que sabemos de ciência certa, é que desapareceu com o gênio verbal de **Afrânio Peixoto** o maior conferencista da Academia.

ÍNDICE

Apresentação	1
I — Oratória, instrumento da crise	3
II — Oradores da crise de 1929	7
III — A oratória do Presidente Kubitschek	13
IV — De Carlos Lacerda a Jânio Quadros	17
V — Mestres do discurso escrito	23
VI — Dois repentistas da Prosa: Chateaubriand e Calmon	29
VII — Otávio Mangabeira	35
VIII — Entre a oratória parlamentar e a oratória sagrada	39
IX — A conferência literária	47
X — Afrânio Peixoto	53

C.D.U. 8.085 (81)

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA NACIONAL
RIO DE JANEIRO — BRASIL — 1959